Sobre o Centenário do Padre Azarias Sobreira
(Sócio Correspondente do Instituto do Ceará)

A. Renato S. de Casimiro
Professor da UFC

1. Padre Azarias, amigo e confessor

Era o dia 30 de maio de 1970, um sábado. Já residindo em Fortaleza, fazia uns cinco anos, reservei aquela tarde para satisfazer uma velha expectativa: conhecer de perto o Pe. Azarias Sobreira Lobo, de quem acabara de ler sua mais alentada obra – *O Patriarca de Juazeiro*. Na sua casa da Av. Dom Manoel, fui recebido com atenção. Essa gentileza se repetiria inúmeras vezes, até 1974, face a sua morte em 14 de junho. Daí por diante, e sempre com as queixas de Dona Messias e de Joana, que cuidavam dos serviços domésticos, fui espaçando as visitas, até que, no início de 1977, me mudei para São Paulo e não mais as visitei. Quando voltei, Dona Messias já havia falecido, a casa já era endereço comercial, até reformada, e de Joana nunca mais soube.

Na primeira visita encontrei-o aos 76 anos. Naquele dia recebeu-me com carinho e tanta atenção que me surpreendi com tal gesto. Estava ali não só pela curiosidade pessoal, mas também por sugestões insistentes de amigos como Amália Xavier, Assunção Gonçalves, José Oswaldo Araújo. Identificado por estes e juazeirense iniciado nas leituras da vasta literatura sobre o Pe. Cícero, o Pe. Azarias me acolheu como um dos seus mais íntimos e, à partir daí, por minha insistência e, sobretudo, com sua paciência em responder serenamente a intermináveis questionamentos, passamos a nos encontrar semanalmente, aos sábados e domingos, em sua casa. Várias vezes saímos a fazer visitas a amigos e locais.

Vivíamos o ano de 1970 e o Pe. Azarias estava vivamente empenhado na reabilitação do Pe. Cícero, cem anos após a sua ordenação, no Seminário da Prainha. Azarias era, na verdade, o único sacerdote a encarar frontalmente a questão e, a partir dos escritos e do posicionamento público de seu bispo – D. José de Medeiros Delgado, firmara-se como articulador das celebrações do centenário de orde-

nação sacerdotal do Pe. Cícero, no âmbito da Diocese. D. Delgado havia lançado duas publicações: Juazeiro, Padre Cícero e Canindé (1968) e Padre Cícero, Mártir da Disciplina (1970). No dia 26 de Janeiro de 1973, ele revelaria a mim e a Luitgarde que, quando ainda redigia o segundo texto, recebeu formalmente, por escrito, da Diocese do Crato, a única censura por este posicionamento público assumido em favor da reabilitação do Pe. Cícero. Para D. Delgado, não havia tratamento errôneo em considerar o Patriarca de Juazeiro um mártir da disciplina. Reabilitá-lo perante a Santa Sé era, no mínimo, revisar a injustiça que se cometera contra o próprio povo do Nordeste.

No dia 30 de novembro de 1970, no auditório do Seminário da Prainha, com a presença do Pe. Azarias – destacado pelo depoimento que daria, realizava-se a sessão solene com a qual a Arquidiocese de Fortaleza abria um ciclo de estudos sobre o Pe. Cícero. Além de Azarias, falaram o bispo D. Delgado e o jornalista Luís Sucupira. Suas falas foram depois publicadas num folheto comemorativo.

Nos meses subseqüentes, por diversas vezes, o Pe. Azarias me chamaria para participar de alguns encontros com intelectuais e amigos seus, com os quais viabilizaria o ciclo de estudos. Lembro de alguns: Parsifal Barroso, Raimundo Girão, Dr. Fernandes Távora, Luís Sucupira, Rachel de Queiroz, José Aurélio Câmara, Gal. Carlos Studart, Pe. Tibúrcio Grangeiro, Irmã Marciana Maria, D. Raimundo de Castro e Silva, dentre outros.

No dia 6 de Janeiro de 1971, na Sala de História Eclesiástica da Prainha, o Pe. Azarias reunia um pequeno grupo que, ele julgava, daria suporte executivo às pretensões do ciclo de estudos. Deste grupo faziam parte alguns dos já mencionados. Os propósitos iniciais eram: articulação com o clero, com intelectuais, com Juazeiro, com a Diocese do Crato, etc. Fiquei encarregado de organizar o arquivo e levantar informações bibliográficas, documentos e tudo mais para o desempenho da equipe. Começamos a trabalhar com um pouco de livros, jornais e documentos que estavam ao alcance, e o resultado foi logo aparecendo, tal era a determinação do Pe. Azarias na coordenação dos trabalhos. No dia 11 de janeiro, durante uma destas reuniões, o Pe. Azarias me pediu que relatasse uma série de documentos que haviam sido localizados. Destes, lembro que faziam parte várias cartas de Pe. Quintino ao bispo D. Joaquim dando conta do movimento de pessoas, sobretudo o Pe. Cícero, o conde Adolpho, Floro, José Xavier de Oliveira, etc., em Juazeiro e até fora dali. Uma delas chamou a atenção de todos, pelo fato que se seguiu a sua leitura. Carta do vigário Quintino a D. Joaquim, em 01/07/1903: "*Tenho*

a honra de comunicar a V. Exc. Revma. que levei ao conhecimento do Revmo. Pe. Cícero Romão Baptista o ofício de V. Exc. mandando suspender as obras da capella que aquelle sacerdote estava construindo perto da povoação do Joaseiro, e elle me respondeu que obedecia promptamente a V. Exc. suspendendo o serviço, o que effectivamente fez. Deus guarde a V. Exc. Revm.". Dom Delgado, nem bem terminei a leitura, levantou-se e indagou: *"Afinal, onde estão estes padres do Crato que não enxergam que estamos tratando de um mártir da disciplina?"*.

O Pe. Azarias esteve sempre muito entusiasmado com o andamento dos estudos e a cada reunião que fazíamos. A mim, pessoalmente, este entusiasmo contagiava. Guardo, anotados numa agenda, os inúmeros passos que empreendi em seu nome, entrevistando pessoas e reunindo material para as pesquisas. Lembro de Hugo Catunda, Figueiredo Filho, Pe. Antonio Gomes, Amorim Sobreira, Otacílio Anselmo, F. S. Nascimento, Durval Aires, Amália Xavier, Pe. Coutinho, Raimundo Girão, Pe. Helvídio (a revelia, no que relatarei adiante), Pedro Gomes de Matos, Ananias Eleutério, Sebastião Marques. Em 6 de março estou no Rio de Janeiro e persigo os "caminhos" de Floro Bartholomeu. Depois Juazeiro, Crato e Barbalha.

No dia 30 de março, ele me confidenciou, como já havia feito a Amália Xavier, que sua exposição de motivos ao Sr. Bispo havia gerado um expediente para a Nunciatura, em tom de consulta, sobre a criação de uma Prelazia, em Juazeiro do Norte. Além do município, somente Caririaçú seria englobado. A indicação do prelado recairia sobre o Pe. Murilo de Sã Barreto. Esta seria a sua maior satisfação. Azarias queria que este procedimento significasse o retorno da velha idéia pela qual Pe. Cícero tanto lutara, como agora se pretende fazer novamente, de criar uma Diocese em Juazeiro. Quanto à idéia de Pe. Azarias/D. Delgado, nunca mais se ouviu falar, nem mesmo voltou a comentar comigo. Havia uma questão posta sobre a distância da futura prelazia pretendida e a sede da Diocese, em Crato. Pareceu-me que este argumento, à época, teve algum peso.

O ciclo de estudos prosseguia. O entusiasmo de Azarias, lotando novamente o auditório da Prainha, era grande para receber o depoimento e as reflexões de Rachel de Queiroz. Bem à sua frente acompanhei sua comoção em algumas oportunidades, recolhendo as lágrimas ao tom emocional da narrativa e à argumentação irretorquível de quem, como ele, não havia outra alternativa senão a reabertura do processo em Roma, pela reabilitação do Pe. Cícero. Por fim, reconheço e lhes afirmo que seria enfadonho continuar, página a página,

revendo estas anotações e fazendo estas relembranças deste ano, particularmente tão ativo e rico de emoções para Azarias Sobreira. Guardo-as como um preito de saudade daquele que me conferiu o imenso privilégio de ter estado, mesmo por tão pouco tempo, entre os que se achegaram à sua casa, à sua mesa, ao seu afeto. Inúmeras vezes me recebeu à porta com a exclamação: Ó meu santo! No que respondia: mas padre, o sr. me escuta em confissão e ainda assim me faz passar por este vexame?

Acompanhei-o algumas vezes, no martírio das dores que o acometia. Usávamos um pequeno aparelho de ondas que chegavam às suas costas por duas placas e que um amigo havia emprestado. A coluna vertebral freqüentemente impunha ao querido amigo penas mais que insuportáveis. Erguê-lo da cadeira ou da cama, era um suplício. Para não gemer, ouvia-se o ranger dos dentes, num esforço sobrehumano.

Por Juazeiro, e diante de tantas coisas imputadas ao Pe. Cícero, Azarias não mais respondeu. Considerou sempre que O Patriarca de Juazeiro era a sua melhor e antecipada resposta. A serenidade dos últimos anos se contrapunha à indignação dos tempos de "Um Civilizador do Cariri", "Apostolado do Embuste" e as suas respostas "Em Defesa de um Abolicionista". Nestes outros tempos, "Pe. Gomes" era outro. Agora era o Pe. Dr. Helvídio Martins Maia, ex-padre, casado, reintegrado ao sacerdócio, paroquiando Pindoretama. No jornal A Fortaleza, uns 10 artigos publicados, abria um novo surto da mesma virulência já reconhecida (Pretensos Milagres do Juazeiro, posteriormente editado em livro pela Vozes, em 1974). Azarias lia aquilo tudo e em silêncio sofria muito. Em duas ocasiões tentei abordar o assunto. Propus procurá-lo para uma conversa. Até então não tínhamos muita certeza onde a coisa ia desaguar. Não aceitou a sugestão, desaprovando a conversa. Mesmo assim, procurei o Pe. Helvídio, tendo conversado com ele em 15/07/1971. Eu havia escrito alguns trabalhos no ano anterior, para um jornalzinho de Juazeiro, editado por Wellington Amorim. Trabalhando com os documentos encontrados, dei o título de Pretensos Milagres do Juazeiro. Helvídio não gostou nem um pouco que tivesse usado este título e para ele eu o havia "roubado" de sua futura e pretensiosa obra. Naquele momento, os capítulos apresentados eram análises de documentos fotocopiados e devidamente autenticados pelo bispo D. Vicente. Eram peças do processo, sobretudo da 2ª comissão chefiada pelo indigesto Mons. Alexandrino. Uma semana depois de nossa conversa, comuniquei, em detalhes ao Pe. Azarias, tudo que havíamos tratado. Tive de amargar a completa desaprovação pela iniciativa.

Ele achava, e de fato isto se confirmou, que o Pe. Dr. Helvídio era uma reedição péssima da catilinária de Gomes, Otacílio, Nertan, etc. Na verdade, aí pelos ano 50, partira desta gente, no Crato, a decisão de elaborar uma obra que acabasse de vez com o "mito", e por via de conseqüência, o Juazeiro. O modo era o relato de uma "realidade" vista friamente através de documentos que suportariam análises exaustivas, cheias de ilações que se demonstrariam, mais tarde, como equivocadas, em boa parte. Mas, o propósito era este mesmo. Exatamente isto aconteceu, conforme me confirmou recentemente F. S. Nascimento.

Em 1971 já estávamos organizando a II Exposição Fotográfica do Juazeiro Antigo e o Pe. Azarias colaborava emprestando fotos e facilitando a obtenção de outras entre instituições e famílias. Levei diversas vezes ao seu conhecimento o nosso desgosto pela forma como vinha sendo tratado o patrimônio histórico de Juazeiro e o pouco caso do poder público, no que, quase me consolando, citava Siqueira Campos:

"À pátria nada se nega,
à pátria tudo se dá,
à pátria nada se pede,
nem mesmo a compreensão."

Homem de profundas convicções religiosas, Pe. Azarias tinha uma fé inabalável nos designios da Providência. Acreditava que por tais desígnios sua vida chegara a tanto. Lembrava sempre uma mocidade de saúde precária que não o projetaria aos anos 70. Suas orações diárias e o inseparável breviário, companheiro até de pequenos passeios, eram o momento sagrado da sua renovação e do sustento espiritual de sua vida. Sete padres, seus irmãos – como mencionava, mereciam um cuidado especial. Disse-me algumas vezes e guardei-lhes os nomes: Pe. Cícero, D. Quintinho, Pe. Vicente Sother, Pe. Joaquim Sother, Mons. Monteiro, Pe. Guilherme Vaessen e Mons. Tabosa. Essa lembrança diária, em suas orações, era edificante e bem revelava seu espírito elevado, de homem de Deus.

Quando foi nomeado Monsenhor fui cumprimentá-lo logo à saída da missa dominical. Dizia-me que só tinha pensado mesmo em ser um bom padre, numa paroquiazinha do interior, como fora no Aracati, em Milagres e noutras paragens. Sua casa era, permanentemente, um recanto de acolhimento da gente amiga, vinda destas diversas cidades onde residira. Ali conheci admiráveis figuras de sertanejos simples que Azarias não se cansava de classificar como

"santos homens de Deus", "homens de bem" e por aí. Certamente porque deles ouvira muitas vezes os relatos de suas vidas que indicavam os caminhos do bem, do servir ao próximo. Gente de palavra, de fortes convicções. Gente de fibra, como era Azarias Sobreira.

Quando faleceu em 14 de junho de 1974, eu estava no Cariri e não lhe assisti nos últimos momentos como desejara sempre, vendo que o agravamento do seu estado de saúde nos levaria a este desenlace. Visitei-o uma única vez no hospital e saí desolado. A notícia veio pelo rádio. Aconteceu e foi profundamente triste. De lá para cá, duas ou três vezes ao ano, vou ao seu túmulo onde me aguardam estas lembranças, sobretudo as mais felizes daqueles quatro anos de amizade.

Nunca duvidei que haveríamos de ter mais um santo a interceder por todos nós.

2. Uma Vida em Testemunho

LUITGARDE OLIVEIRA CAVALCANTI BARROS
ANTROPÓLOGA – PROFA. DA UFRJ E DA UERJ

No prefácio do livro de Marcelo Camurça sobre a guerra de Catorze no Juazeiro, iniciei uma reflexão sobre os personagens que integram o mundo do Padre Cícero. Nestes cento e cinqüenta anos de história do Nordeste, se comemora em 1994 o sesquicentenário daquele personagem que se transmutou de um sacerdote do Crato em mito do Nordeste, santo dos nordestinos, a figura mais polêmica a desafiar os teóricos da religião, dos movimentos sociais, a historiografia regional.

Fiquei pensando sobre os "conflitos, projetos, sonhos e lutas vividos pelo Padre Cícero, seus contemporâneos e alguns descendentes destes", no desdobrar desses anos em que, de geração para geração, se escoaram no rendilhar do tempo que tudo decanta, rancores e amizades, alianças e ruturas, ambições e renúncias, mesquinharia e generosidade, dúvida e crença, indiferença e fé, fuga e presença.

Nesse meu ensimesmanento se projetam as linhagens dos varões que viveram, como o Padre Cícero, a vertigem do milagre, o pesadelo da questão religiosa, a tragédia da guerra de Juazeiro, o grito de ufanismo da fundação da cidade. Onde ficaram seus descendentes? Que caminhos palmilharam? O que fizeram das crenças de seus pais? E do mundo do Padre Cícero?

Naquele texto me referi à descendência do professor Simeão, pai de Pelúsio Macedo, avô do Padre Macedinho. Alguém falará dos Xavier de Oliveira e dos descendentes de cada um dos troncos que, num sertão tão bravo, foram a seiva e a sombra de onde nasceu e cresceu "nosso santo Juazeiro".

Há muitos anos escrevia as cartas dos empregados analfabetos que só tinham coragem de falar os pensamentos mais íntimos a alguém que os olhava sem julgamento, feliz de poder usar as habilidades da escrita para levar às famílias as notícias daqueles pobres que iam para a capital ganhar dinheiro para ajudar na criação dos irmãos ou para sustentar os velhos da casa. No interior lia as cartas chegadas de São Paulo e do Paraná contando a vida distante, os planos de juntar dinheiro, de melhorar a sorte da família toda.

Eles jamais imaginariam o que uma criança descobre do mundo, aprende da vida, sendo porta-voz dos sentimentos, dos sonhos e das desilusões das camadas mais pobres que constituíam o círculo dos serviçais, amigos das crianças das casas, dos filhos dos patrões.

Daquelas cartas ficou-me um refrão que me ocorre sempre que tenho de tolher a emoção para falar de alguma coisa que envolva e transborde de afetividade a história a ser contada:

Com pena peguei na pena
Com pena para escrever,
Com pena anotei a carta,
Chorando não pude ler!

Na maioria das vezes as pessoas que me ditavam as cartas eram tão tristes, mas faziam tanta força para animar os parentes para quem davam notícias, que foi com elas que aprendi o que era sentir saudade, muito antes que a vida me fizesse conhecer a distância e a dor da perda daqueles que dignificam e iluminam nossa vida.

Agora, já na maturidade, a pena fica na alma, pego na esferográfica (que não da métrica poética) para escrever a vocês contando com saudade um encontro bonito e inesquecível que tive com um ramo verde e florido do velho tronco de Juazeiro, Pedro Lobo de Menezes. Falo do Padre Azarias Sobreira Lobo, misto de sacerdote erudito e beato, que conheci em Fortaleza, na Rua Dom Manuel, encaminhada do Rio de Janeiro, por seu primo o amável Padre José Sobreira, que celebrava missa na Igreja de São Francisco de Paula, no Largo do mesmo nome, no centro da cidade, final da Rua do Ouvidor.

O primeiro impacto da visita em sua casa, em janeiro de 1973, foram a paz, a mansidão e a meiguice de sua voz e de seu olhar, aparência de opalina translúcida que deixava irradiar uma força de caráter, uma coragem na defesa de princípios e crenças que atraíam a juventude, minha e de Renato Casimiro, segurando-nos horas nas conversas sem fim, de risada solta, vinho feito por Dona Messias e Joaninha, comida farta, as brincadeiras de Rosita, e o riso tímido de Josefa.

Filólogo, profundo conhecedor da história eclesiástica, dos costumes, do adagiário e da genealogia cearenses, era um deslumbramento beber tanto conhecimento temperado com um bom humor irresistível, leveza de crítica dos costumes, transmitindo numa linguagem escorreita, um singular conhecimento da alma humana.

Lembro até hoje meu espanto quando lhe perguntei se era o Monsenhor Azarias Sobreira autor do *Patriarca do Juazeiro*, e ouvi-lhe o comentário quase ingênuo de tão simples e revelador: "*Minha filha, quando tinha 5 anos, pedi a Deus que me concedesse a graça de ser um padre a serviço Dele. E Deus, na sua bondade me atendeu. Por favor, não me tire a graça de ser um padre!*".

Nenhum título faria jus ao significado que ele atribuía a seu sacerdócio, sua convivência me ensinou.

Falei-lhe de meu projeto de pesquisa, do objetivo de estudar o mundo do Padre Cícero, a história do Juazeiro, pedindo-lhe ajuda em tarefa tão difícil e delicada. A negativa dele, hoje, analiso, foi a primeira contribuição efetiva que recebi, a maior revelação que me jogou perplexa nos mistérios do Juazeiro.

No dia 24 de janeiro de 1973, entre o fascínio e a dúvida, gravei-lhe e depois transcrevi a explicação de sua impossibilidade de me ajudar nas pesquisas: "*Minha filha, sua proposição é muito séria e exigirá um trabalho ciclópico do qual eu não participarei, porque estou mais para lá do que para ca! Eu estou aqui nesses quase oitenta anos, com uma* ***sobrevida*** *que me foi concedida. Vou-lhe fazer uma revelação, para você ver que minha passagem por este vale de lágrimas está cumprida e estou nas mãos do Senhor, com muita alegria e serenidade, quando Ele for servido! Em toda minha vida tive sempre uma saúde muito frágil, a par de um medo muito grande de morrer. Nascido no Juazeiro, filho de pais já idosos, num ambiente familiar de crenças muito profundas, desde muito criança senti-me inclinado para a vida religiosa, com um grande desejo de ser um dia um padre. Graças a Deus isso foi motivo de muito júbilo para meus*

pais, tendo sido logo que atingi a idade, mandado para o Seminário da Prainha. Já tinha havido a questão com o Padre Cícero, de quem eu era afilhado. No Seminário, ouvindo aquelas pregações ferozes contra o Padre Cícero, as recomendações que recebíamos contra ele e os romeiros de Juazeiro, com o tempo fui sendo influenciado. (Interrompe: *Você leu o meu depoimento de como me comportei diante do Padre Cícero, quando meu pai me levou para mostrar-lhe o afilhado recém-ordenado*).

Outra passagem que também relato no **Patriarca de Juazeiro** *é minha relutância em ser seu confessor e como as coisas se encaminharam. Depois que fui seu confessor, vivi entre aqueles homens sinceros de religião, sérios, gente direita, moral inatacável, comecei a ser incomodado pelo comportamento dos professores do Seminário e de muitos sacerdotes que se compraziam em fazer afirmações contra o Padre e os sertanejos que o seguiam.*

Desde aquele tempo vivia sofrendo com tantas aleivosias, com tanto mal entendido, e me vinha um impulso de falar em defesa da verdade, de dar um depoimento que desfizesse as calúnias e os equívocos. Eu queria mostrar o Padre Cícero na sua sinceridade, dar o meu **testemunho**.

Mas logo vinha o cuidado em não melindrar certos sacerdotes por quem eu tinha o maior respeito; as dúvidas sobre a conveniência de um confronto com as autoridades da Igreja, o medo de estar tentado pela vaidade de aparecer, e ia me calando, protelando a hora da verdade, da justiça com aquele sacerdote tão sofrido!

O tempo foi passando, fui conhecendo a alma de homens bem formados, a sinceridade da crença daqueles sertanejos pobres que buscavam o Padre Cícero.

E tudo que fosse de Juazeiro, para um certo tipo de pessoas, cheirava mal.

Depois de uma longa existência com debilidade física, tinha comigo um profundo medo de morrer, convencido que estava de carregar o pecado da omissão, de não ter dado o depoimento em nome de Deus, a favor da justiça com o Padre Cícero.

Já velho, muito doente, certo de que meu tempo estava cumprido, recebo a visita diária de D. Raimundo de Castro e Silva que me traz o consolo dos santos sacramentos. Agonizava. Entrava em coma e saía, com o sentimento da dívida com a verdade, com medo de me apresentar diante de Deus com aquele pecado da omissão.

Um dia de manhãzinha rezei a Deus que me perdoasse aquela fraqueza e pedi a Ele e ao Padre Cícero que me dessem uma ***sobrevida*** *para que eu escrevesse a verdade que me fora dado conhecer. Pedi com muito fervor e, graças a Deus, fui atendido. À noite estava à mesa começando a escrever* ***O Patriarca do Juazeiro.***

Como você vê, minha filha, eu estou pronto! A qualquer hora que Deus queira levar este corpo cansado e doente, me encontrará feliz com seus desígnios.

Por isso, sou de pouca serventia num trabalho desses a que você se propõe com sua juventude tão entusiasta. Vá com calma, nem tanto ao mar, nem tanto à terra!

Vou-lhe apresentar um menino nascido em Juazeiro, um rapaz bem formado, entusiasmado com a causa do Padre Cícero. Ele tomará conta de você no Ceará, ajudará em tudo que for necessário e vocês caminharão nesse caminho, procurando sempre ser amigos, fazendo uma tarefa de esclarecimento, enfrentando a campanha rancorosa contra o Padre Cícero e o Juazeiro".

Dias depois passeava com Padre Azarias em direção ao Seminário da Prainha, conversando e tomando sol, quando pára um carro, desce um rapaz risonho e se dirige ao Padre que o abraça, falando: *"Luite, este é Renato, de quem lhe tenho falado. Meu filho, Luite vem fazer uma pesquisa sobre o Padre Cícero e o Juazeiro. Sejam amigos em mim!"*

Naquele mesmo dia o Padre Azarias determinou que eu saísse do hotel jóia onde me hospedara, e Renato me levasse para o Patronato Nossa Senhora de Fátima, dirigido por sua parenta, Irmã Teresinha Sobreira, na Rua Guilherme Rocha esquina com Teresa Cristina.

A amizade com o Padre Azarias foi o acontecimento mais feliz daquela fase de minha vida. Os melhores sentimentos das pessoas afluíam na presença daquele espírito de lucidez e bondade, que nos orientava firmemente com informações seguras, precisão de datas e articulação de fatos e personagens, interpretações importantes para a pesquisa, para a vida e, principalmente, para o desvendamento do mundo do Padre Cícero.

É extremamente gratificante a coincidência de se comemorar em 1994 o sesquicentenário do Padre Cícero e o centenário do Padre Azarias Sobreira. Nenhuma família de Juazeiro teve um entrelaçamento tão estreito na vida do Padre Cícero quanto a do Padre Azarias que me informou ter sido seu pai enteado dum tio do Patriarca de

Juazeiro, o que os fazia se sentirem parentes. Desenvolveram, Pedro Lobo e Padre Cícero, amizade de uma vida, partilhando o universo simbólico gerado em torno da vida e da obra do Padre Mestre Ibiapina.

Enquanto nos seus noventa anos de vida o Padre Cícero se viu cercado de amigos ou inimigos segundo a geração de cada família juazeirense, o Padre Azarias, em seus oitenta anos de existência e neste centenário de nascimento, se fez síntese e expressão: pelas crenças e pela ética de vida – do mundo dos beatos; pela fé e causa encampada, de defesa do Padre Cícero e seu mundo – de seu pai e do jornalista José Joaquim Telles Marrocos, com quem mostrou identificação de concepções de mundo no seu **Em Defesa de um Abolicionista.**

A agudeza de raciocínio, lógica da argumentação e coragem de defesa de princípios fazem dele a maior expressão juazeirense em prol das causas do Padre Cícero.

Exorcizando o medo das perseguições da hierarquia católica cearense, resgatando a dignidade dos beatos, construindo uma imagem respeitável dos penitentes, reabilitando a figura do Padre Cícero, lutando em **Defesa do Abolicionista José Marrocos**, exaltando a ética, a coragem e a hombridade dos homens pobres e humildes do Nordeste, Padre Azarias Sobreira se projeta como a personalidade mais próxima do Padre Cícero.

No estilhaçamento do mundo do Padre Cícero, provocado pelos rancores, ruturas, ambições, dúvidas, indiferenças e fugas, continuando a linhagem de Pedro Lobo de Menezes, o Padre Azarias Lobo, no seu centenário, transubstancia-se em amizade, aliança, renúncia, generosidade, crença, fé e presença – Reconstituição dum mundo e dum tempo em que, à sombra daqueles troncos, o Juazeiro era o milagre.